



Apresenta:

3 PRINCÍPIOS DO STORYTELLING

O STORYTELLING É UM CONJUNTO DE CONCEITOS E FERRAMENTAS
QUE PODEM AJUDAR A CONTAR HISTÓRIAS, SEJAM PESSOAIS, DE MARCAS OU PRODUTOS, DE FORMA
CRIATIVA, ENGAJADORA E RELEVANTE.

SUMÁRIO

PRELÚDIO

AFINAL, O QUE É STORYTELLING?

POR QUE USAR STORYTELLING?

3 PRINCÍPIOS DO STORYTELLING

BÔNUS

PRELÚDIO



Antes de mais nada, permita-me contar um pouco de como descobri o storytelling.

Há quase 20 anos trabalho com narrativas visuais e storytelling.

Desde pequeno, sou encantado por histórias de capa espada e fantasia medieval. Por causa disso, na adolescência, acabei no fascinante mundo geek dos quadrinhos e do Dungeons and Dragons - D&D, jogo de RPG que inspirou a famosa série de animação "Caverna do Dragão". O Role Play Game, ou Storytelling Game, é um jogo de interpretação. Assim como acontece no desenho animado, os jogadores incorporam diferentes personagens, enquanto o Dungeon Master, ou Mestre do Jogo, narra as aventuras que desafiam o grupo. Assim começou minha aventura na "contação" de histórias.

Mais tarde, na faculdade de comunicação, percebi que o áudio visual era um espaço incrível para continuar contando histórias. Seguindo o inevitável

chamado à aventura, me tornei diretor de filmes, dedicando minha carreira à narrativa visual. A experiência com séries de ficção, curtas e filmes publicitárias me proporcionaram uma profunda intimidade com o storytelling.

Naturalmente, me aproximei da criação de roteiros áudio visuais. Nessa aventura contei com a ajuda de grandes mentores: formação em Directing & Script pela FXPHD; formação em criação de series de ficção pelo Núcleo de Roteiro do B_arco; e formação na Jornada do Herói pela Monomito - Mythological RoundTable Rio de Janeiro associada a Joseph Campbell Foundation. Hoje, além de diretor de filmes, sou roteirista associado a ABRA (Associação Brasileira de Roteiristas e Autores) e coordenador da Joseph Campbell Foundation Mythological RoundTable® Grupo de Belo Horizonte.

Agora, quero ajudar pessoas, empresas e marcas a contarem suas próprias histórias.

**“NÃO É IMPORTANTE A RAPIDEZ COM QUE SE APRENDE,
MAS QUE SE APRENDA.”**

MESTRE DOS MAGOS





AFINAL, ● QUÉ É STORYTELLING?



AFINAL, O QUE É STORYTELLING?

07

A melhor maneira de compreender o que é storytelling é analisar o significado das duas palavras em inglês que juntas formam o termo: story + telling.

Story quer dizer história ficcional ou real, imaginada ou vivenciada, um conto, argumento, trama ou narrativa. Nunca, no entanto, diz respeito a História cronológica ou a descrição histórica. Já o telling é literalmente a ação de contar ou narrar algo.

Sendo assim storytelling se refere ao contar histórias, ao contar tramas narrativas.

Elaborando um pouco mais, pode se dizer, que story é a parte de uma narrativa que corresponde ao o que está sendo contado, o assunto, os personagens, a trama, os conflitos, desafios e conquista; enquanto o telling é a forma e o meio onde esta história está sendo narrada, seu estilo,

técnica e maneira de contar.

Por tanto, podemos pensar no storytelling como o conteúdo e a forma de um **discurso narrativo**.

STORYTELLING

=

**DISCURSO
NARRATIVAS**

AFINAL, O QUE É STORYTELLING?

08

O Storytelling ou Discurso Narrativas estão presentes na humanidade desde os princípios dos tempos e muitos autores já estudaram e dissertaram sobre seus princípios nas mais variadas formas de expressão, com suas variações a cada contexto e meio.

Aristoteles, um dos maiores representantes da filosofia grega clássica foi um dos primeiros a discutir a estrutura narrativa em seu livro a “Poética”. Discípulo de Platão, além de escrever estudos e tratados sobre os mais variados temas do pensamento humano, ainda conseguiu tempo para ser tutor de um jovem príncipe que se tornaria ninguém menos que Alexandre, O Grande, e ainda, ao retornar à Atenas, fundou sua própria escola filosófica no Liceu.

Aristoteles aborda a narrativa através de uma manifestação artística da ação de imitação da realidade, a mimése. Mesmo incompletos ou direcionados à um contexto da produção artística oral e dramática de dois mil e trezentos anos atrás, esse textos são a base de grande parte da compreensão da construção narrativa até os dias de hoje.

No período da Renascença, praticamente mil oitocentos anos após a morte do filosofo, suas proposições passam à ter funções de formulações e princípios estruturantes para construção de textos literários.

**“A TRAGÉDIA É A IMITAÇÃO DE UMA AÇÃO SÉRIA E CONCLUÍDA EM SI MESMA...
QUE, MEDIANTE UMA SÉRIE DE CASOS QUE SUSCITAM PIEDADE E TERROR, TEM POR EFEITO ALIVIAR E PURIFICAR A ALMA DE TAIS
PAIXÕES.”**

ARISTOTELES

AFINAL, O QUE É STORYTELLING?



A partir do romantismo e do idealismo alemão do final do séc. XVIII a formulação da Poética Clássica é questionada em sua função moralizante (Ethos). Surgindo assim narrativas literárias e teatrais em que se valorizava a individualidade e o caráter incompleto e ambíguo da natureza humana do protagonista. De certo modo isso propiciou que a narrativa saísse do campo do “herói da cultura” e representasse o indivíduo médio. Porém, a estrutura aristotélicas ainda predominava em seus demais conceitos.

Somente no séc. XX é que surge uma abordagem de estudo, em forma de disciplina, que sai do campo literário, em busca de uma formulação de uma narrativa estrutural independente de seu meio. Nasce a Narratologia. O termo, que mais faz lembrar uma seita religiosa, foi apresentado por

Todorov, e propõe o estudo das formas estruturantes, de um discurso narrativo propriamente dito. Esse movimento se dá dentro do Formalismo Russo e o Estruturalismo Francês, apresentando um grande número de autores que vão debater sobre o tema, entre eles o russo Vladimir Propp, que identifica um padrão de funções estruturantes nos contos de fada em seu livro “Morfologia do Conto maravilhoso”. A Narratologia terá nos pensadores Pós-Estruturalistas seus principais críticos.

“UMA AÇÃO, EM SI, NÃO É DRAMÁTICA. ESTAR APAIXONADO, EM SI, NÃO É DRAMÁTICO. NÃO É A PAIXÃO, MAS A REPRESENTAÇÃO DA PAIXÃO QUE LEVA A AÇÃO QUE É A TAREFA DA ARTE DRAMÁTICA; NÃO REPRESENTAR UM EVENTO EM SI, MAS O SEU IMPACTO NA ALMA HUMANA É A MISSÃO DA ARTE DRAMÁTICA.”

GUSTAV FREYTAG

AFINAL, O QUE É STORYTELLING?

10

Justamente a partir de conceitos junguianos de arquétipos, inconsciente coletivo e self, que Joseph Campbell em “O Herói de Mil Faces” identifica uma estrutura recorrente nas narrativas mitológicas das mais diversas culturas da humanidade. Apesar de sua abordagem se referir a um conteúdo mitológico, antropológico e profundamente psicológico, sua obra inspirou uma infinidade de autores e um modelo narrativo da jornada do herói apresentada por Christopher Vogler em “A Jornada do Escritor”.

A Creative Storytelling sintetiza sua visão de storytelling a partir da obra seminal de Aristoteles, em sua forma mais estruturante; os estudos de Campbell e Vogler sobre a “Jornada do Herói”; além de complementada com as teorias contemporâneas da narratologia e desenvolvimento de roteiro. Essa elaboração da “poética normativa clássica” aplicada será denominada: Núcleo Narrativo Clássico – NNC. Seguindo, assim, uma estrutura específica, mas não única, para o desenvolvimento dos 3 Princípios Narrativos e os Elementos do Storytelling, para construção de

uma comunicação de qualidade relevante, enganadora e criativa, com o principal intuito de agregar empatia ao discurso narrativo.

**DISCURSO
NARRATIVA
=
STORYTELLING**

**“O HERÓI MORREU COMO HOMEM MODERNO;
MAS, COMO HOMEM ETERNO — APERFEIÇOADO, NÃO
ESPECÍFICO E UNIVERSAL —, RENASCEU.”**

JOSEPH CAMPBELL



POR QUE USAR STORYTELLING?



POR QUE USAR STORYTELLING?

13

O ser humano, desde seu nascimento, se relaciona e conhece o mundo ao seu redor através das histórias e narrativas. O storytelling está presente em nossas vidas nas brincadeiras de faz de conta que inventamos na infância; nos casos que contamos no café da empresa; nas desculpas que criamos; nos livros e filmes que assistimos; nos jogos e vídeo games; nas músicas que ouvimos, seja na sua composição e letra, seja na estrutura mental que damos a elas; esta na religião, nas organizações sociais e financeiras e como as percebemos; esta na venda, na publicidade e marketing; está em uma apresentação de quem somos ou que fazemos; esta até mesmo em nossos sonhos, ou pelo menos com os organizamos ao lembrarmos deles pela manhã.

O pesquisador e escritor Yuval Noah Harari, defende em seu livro “Sapien — Uma Breve História da Humanidade”, que a linguagem humana, a partir do que ele chama de “Revolução Cognitiva” na pré-história, passa por uma sofisticação simbólica que permite não só a criação de narrativas, mas também a compreensão do mundo a partir delas. Foi justamente a

capacidade da nossa espécie de criar e compreender “realidades inventadas”, que possibilitou a nossa sobrevivência. A nossa capacidade de contar histórias, storytelling, nos permitiu transmitir nosso conhecimento no tempo e no espaço e a colaboração entre um numero cada vez maior de indivíduos . A comunicação narrativa, talvez tenha sido a primeira e mais importante tecnologia desenvolvida pelo Homo Sapien.

A psicologia cognitiva e a neurociência, com o avanço tecnológico do séc. XX, fizeram descobertas reveladoras sobre o funcionamento da mente humana. Apesar da nossa capacidade racional, os cientistas descobriram que as funções emocionais e instintivas, são de fato as que operam o comportamento humano. As decisões são tomadas muito mais por fatores emocionais do que racionais. Outra descoberta interessante foi chamada de teoria dos “Neurônios Espelhos”. Ela propõe que um determinado grupo de neurônios são responsáveis por assimilar e reproduzir emoções e comportamentos observados em outros seres humanos. Essa seria uma função básica do aprendizado.

Uma terceira teoria, chamada “Transposição Narrativa”, afirma que quando engajado em uma narrativa bem estruturada, ela é percebida como se o receptor estivesse de fato vivenciando os acontecimentos e sentimentos relatados, não só de forma abstrata e mental, mas a partir de toda bioquímica do corpo humano. Isso se dá através de uma relação empática que um storytelling bem estruturado pode gerar.

Aristoteles afirma nos capítulos iniciais de seu livro a “Poética”, que uma das causas que dá a origem a “poesia”, referida como forma narrativa, “é a capacidade natural do ser humano de imitar e a capacidade de adquirir conhecimento por meio da imitação e o prazer que a imitação proporciona”. Não por acaso a mimese é um conceito central na sua teoria. O filósofo também evidenciou a função catártica da narrativa, como sendo

“SOMOS, COMO ESPÉCIE, VICIADOS EM STORYTELLING. MESMO QUANDO O CORPO ADORMECE, A MENTE FICA ACORDADA A NOITE TODA, CONTANDO HISTÓRIAS.”

JONATHAN GOTTSCHALL

seu objetivo final e principal provocar uma reação na audiência. De certa maneira as teorias cognitivas e a neurociência confirmaram essas observações feitas no séc. IV a.C., com escaneamentos cerebrais para mapear seu funcionamento durante o ato de contar e receber histórias.

Por tanto, a comunicação com base na estrutura do discurso narrativo ou storytelling tem como sua principal vantagem e característica afetar de forma empática a audiência, que experimenta a história narrada como se fosse um acontecimento consigo mesma e a formação de uma cultura que passa a compreender o mundo ao redor a partir das narrativas conhecidas.

Não é à toa que a "contação" de história está na própria gênese da civilização humana, através dos mitos que construíram as estruturas sociais e em alguns casos se tornando até mesmo leis, religiões e costumes que funcionam como diretrizes morais, fazendo parte do imaginário coletivo que orienta o homem moderno no mundo contemporâneo.

Saber contar uma boa história é a chave pra uma comunicação perene e transformadora. Sem narrativas, nossas vidas seriam contadas "por um idiota, cheia de sons e fúria, significando nada".



"APAGA-TE, APAGA-TE, VELA FUGAZ! A VIDA NÃO NADA MAIS É DO QUE UMA SOMBRA QUE PASSA, UM POBRE LOUCO QUE SE PAVONEIA E SE AGITA POR UMA HORA NO PALCO EM CENA E, DEPOIS, NADA MAIS SE OUVÉ. É UM CONTO CONTADO POR UM IDIOTA, CHEIO DE SOM E FÚRIA, SIGNIFICANDO NADA. VENS PARA FAZER USO DA TUA LÍNGUA? CONTA TUA HISTÓRIA, DEPRESSA."

MACBETH – WILLIAM SHAKESPEARE



Os **3 Princípios do Storytelling**, sintetiza vários conceitos, que chamaremos de “Núcleo Narrativo Clássico”, para facilitar a criação de estruturas narrativas para as mais diversas formas de storytelling. De maneira alguma apresenta uma fórmula mágica. Tão pouco é um manual de escrita criativa, de roteiro ou qualquer outra forma ou gênero narrativo. Vale a pena ressaltar que a Núcleo Narrativo Clássico tão pouco é a única forma de construir uma história. Mas sem dúvida aborda elementos das formas e estruturas mais conhecidas e utilizadas por toda humanidade. Os **3 Princípios do Storytelling** são princípios básico da essência de uma boa história criativa, engajadora e relevante.

PRINCÍPIO DA VERDADE NARRATIVA

O Princípio da Verdade Narrativa apresenta dois aspectos fundamentais para criação de um storytelling bem estruturados: a coerência interna do universo narrativo e a verdade humana como tema central do enredo.

PRINCÍPIO DO ARCO NARRATIVO

A estrutura do Núcleo Narrativo Clássico é um recorte de um determinado momento no espaço tempo. Para contar uma história é preciso decidir de que ponto começar (Princípio), como desenvolver de forma coerente o desenrolar narrativo, circundante em causa e efeito a um protagonista que se desloca (física ou psicologicamente) entre esses dois pontos (Desenvolvimento), para por fim chegar em um outro momento narrativo onde essa sequência de eventos se encerra (Desfecho).

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM

Na estrutura do Núcleo Narrativo Clássico, podem existir vários personagens, no entanto apenas um é o protagonista da história. São as ações desse protagonista, suas causas e consequências, que concatenam o desenrolar da narrativa. Essas ações são causadas pela dualidade entre o que o personagem deseja e o que ele necessita.

PRINCÍPIO DA VERDADE NARRATIVA

O Princípio da Verdade Narrativa apresenta dois aspectos fundamentais para criação de um storytelling bem estruturados: a coerência interna do universo narrativo e a verdade humana como tema central do enredo.

Um dos princípios fundamentais é coesão interna de uma narrativa. Em uma história vivenciada ou imaginada, ou seja, calcada na realidade ou na fantasia, é fundamental que a narrativa seja estabelecida dentro de um conjunto de regras do “universo próprio”. Esse conceito é chamado de “verossimilhança”, que muito além de ser algo possível no mundo real e concreto, é algo que seja provável dentro das regras da realidade apresentada, criando um nexos lógico entre o cenário narrativo e as ações nele protagonizadas.

Um segundo aspecto fundamental sobre o princípio da Verdade Narrativa se refere verdade humana universal. Ou seja, por mais fantástica que uma narrativa possa parecer, seu tema principal está relacionado às condições e sentimentos inerentes a natureza humana. Aos desejos e necessidades que fazem parte da psique humana.

Por isso, ao contar, por exemplo, a história de um animal ou objeto, esse personagem adquire aspectos do comportamento humano, não só físicos, mas sobretudo emocionais e psicológicos. Em histórias clássicas de fábulas, onde os animais não só falam, mas representam arquétipos humanos clássicos, esse princípio é facilmente compreendido.

PRINCÍPIO DO ARCO NARRATIVO

O segundo Princípio do Storytelling diz respeito ao fato de que a estrutura, de um Núcleo Narrativo Clássico, é um recorte de um determinado momento no espaço tempo. Para contar uma história é preciso decidir de que ponto começar (Princípio), como desenvolver de forma coerente o desenrolar dos acontecimentos, circundante em causa e efeito a um protagonista que se desloca (física ou psicologicamente) entre esses dois pontos (Desenvolvimento), para por fim chegar em um outro momento narrativo onde essa sequência de eventos se encerra (Desfecho).

Uma cadeia concatenada de eventos pelos quais os atos de um personagem protagonista afeta e é afetado pelo desenvolvimento narrativo, que tenha um princípio, um desenvolvimento e um desfecho. Ou seja, a famosa estrutura de 3 atos dramáticos proposta por Aristoteles; ou a “introdução”, “desenvolvimento” e “conclusão”, o famoso “início, meio e fim” que

aprendemos nas aulas de redação da escola primária. Apesar de parecer simples e lógico, Aristoteles estabelece algumas relações primordiais nessa estrutura. As principais são as relações de nexos causal e a mimese. A relação de causa e efeito que vai ligar as 3 partes, ou atos, da narrativa serão representados por um personagem, agente da ação, responsável pela progressão da história, culminando em um desfecho que represente uma transformação irreversível do protagonista.

Essa estrutura não é chamada de clássica por acaso. Muito antes dos Gregos, narrativas da antiga Suméria, como a Epopeia de Gilgamesh, uma das histórias mais antigas da humanidade registrada em escrita cuneiforme, assim como narrativas orais que remontam a tempos muito mais antigos, se estruturam nesse modelo sobre o qual postulou Aristoteles. Obviamente, existem outros modelos e formas de estruturar uma narrativa.

PRINCÍPIO DO ARCO NARRATIVO

Outro filósofo e poeta, Horácio, esse da Roma Antiga, propôs que uma peça deveria ter 5 atos. Mais tarde, no século XIX, Gustav Freytag, romancista e dramaturgo, criou um gráfico conhecido como a Pirâmide de Freytag, onde ele desenvolve 5 aspectos que estruturam a narrativa. Robert McKee, em seu livro "Story", apresenta os conceitos de Arquitrama, referente ao modelo clássico; A Minitrama, onde alguns dos aspectos do modelo clássico são sublimados ou subvertidos; e por fim a Antitrama onde toda a estrutura refuta o modelo clássico. Esses três modelos também são chamados de 1º Campo, 2º Campo e 3º Campo, respectivamente por David Bordwell e difundido no com essa nomenclatura no Brasil pelo Professor e Roteirista José Carvalho. Autores, como Campbell, Propp, Vogler, entre outros, apresentaram inúmeras etapas de desenvolvimento narrativos, mas assim como a própria estrutura de Freytag, os 3 atos aristotélicos estão presentes no que ficou conhecido como arco narrativo. Por tanto, sempre que se falar

em ato, será uma referencia a estrutura narrativa e não a ao ato teatral, televisivo ou literário, que muitas vezes estão relacionados a divisões de tempo da experiência narrativa e não a sua estrutura. Por exemplo, em alguns roteiros para TV os atos são divididos de acordo com os intervalos comerciais e não ao arco narrativo em si.

O Arco Narrativo causado pelo encadeamento de eventos é chamado de enredo, trama ou plot. No entanto, é importante perceber que essa cadeia de eventos precisa partir da premissa do 1º princípio e estabelecer um nexos causal entre eles. Esse nexos se dá através da ação de um personagem, que é afetado pelas causas e consequências desses eventos, fazendo com que ele se desloque pelo tempo espaço fazendo com que a história progrida. Uma história sem a ação de um personagem, simplesmente não se desenrola.

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM

No Núcleo Narrativo Clássico, podem existir vários personagens, no entanto apenas um é o protagonista da história. São as ações desse protagonista, suas causas e consequências, que concatenam o desenrolar da narrativa. Essas ações são causadas pela dualidade entre o que o personagem deseja e o que ele necessita. Desejo versus necessidade. O desejo é aquilo que o protagonista acredita querer para conseguir algo, contraposto ao que de fato ele precisa. É justamente o conflito entre essas forças que vai definir a verdade desse personagem. O caráter mais íntimo de sua natureza e a própria temática essencial da história.

No arco narrativo, é justamente, a percepção da mudança de perspectiva entre o que o personagem deseja, pelo que ele necessita que vai culminar

com o clímax e o desfecho da história. Isso acontece independentemente do fato do protagonista se transformar ou não, conquistar seus objetivos ou não.

Por tanto o arco narrativo é a percepção da necessidade de transformação, atingida ou não, do personagem que protagoniza a narrativa.

Um protagonista é considerado um Herói clássico quando a superação da dualidade entre seu desejo e necessidade revela uma virtude moral capaz de alterar não só a sua vida, mas toda a comunidade a qual ele pertence.

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM - PERSONAGEM

PERSONAGEM: Na maioria das estruturas narrativas existem vários personagens, mas apenas um é o protagonista. Os personagens que circundam o protagonista possuem funções específicas na trama que ajudam a história a se desenvolver, seja antagonizando ou ajudando o personagem principal. Em geral todo personagem tem seu próprio arco dramático, ou seja, seus desejos e necessidades que vão fazer com que ele interaja e afete a cadeia de eventos principais. No entanto, seus desejos e necessidades não são os que farão o arco narrativo se desenvolver por completo.

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM - PROTAGONISTA

PROTAGONISTA: O protagonista é o personagem principal de uma história. A dualidade entre o desejo e necessidade desse personagem é o principal agente das ações que fazem com que a história se desenvolva. É, também, dele o momento no espaço tempo do qual se escolhe contar. É transformação de seu estado de inércia no princípio da narrativa até sua transformação ou não no desfecho, que se trata a narrativa. Na estrutura do Núcleo Narrativo Clássico, é o ponto de vista dele que está sendo apresentado. Uma vez que são suas ações que conduzem a história, é a partir da percepção dele que a história reflete o mundo ao redor, mesmo que contada por um narrador em terceira pessoa.

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM - HERÓI

HERÓI: O herói é o protagonista que tem uma experiência transformadora não só pra si próprio, mas para todo o conjunto de pessoas de uma determinada cultura. Sua jornada em geral não está no campo da trivialidade mas nas questões épicas que vão representar toda construção moral de uma sociedade.

PRINCÍPIO DO PERSONAGEM - BÔNUS

BÔNUS: Na estrutura do Núcleo Narrativo Classico um protagonista pode ser representado por vários personagens, no entanto é importante que todos tenha os mesmos desejos e necessidades, que o arco de transformação, ou seja, o arco dramático seja compartilhado por todo o grupo de personagens. Consequentemente são as ações coletivas que vão determinar o tempo espaço da narrativa, seu princípio, desenrolar e desfecho. Foi o que Robert MaKee chamou de “pluri-protagonista”. Já o “multiplot” é quando uma narrativa, já fora da estrutura do Núcleo Narrativo Clássico, apresenta o arco dramático de vários protagonistas em uma mesma trama.

BÔNUS

NARRATIVA VS. ENUNCIADO



O Storytelling ou Estrutura Narrativa não é única forma eficaz de se criar uma comunicação, no entanto é a forma que mais proporciona um engajamento emocional na audiência com um determinado conteúdo. Ao escutar, ler ou ver uma história, quando bem contada, o corpo humano estimula a produção hormonal e cria sinapses cerebrais que fazem com que aquela narrativa, seja percebida como um acontecimento do qual se faz parte. Não por acaso, muitas pessoas têm reações físicas quando assistem um filme de terror, ou se emocionam ao ponto de derramar lágrimas com uma história de amor ou drama.

A empatia que uma estrutura narrativa bem-feita causa na audiência é o principal poder do storytelling.

Essa capacidade humana de contar história se mistura com a própria evolução do homo sapiens. Enquanto no reino animal várias outras espécies conseguem se comunicar de forma simples, somente a espécie humana é capaz de elaborar uma narrativa para transmitir conhecimento. A maioria das espécies animais, até mesmo os humanos, utilizam a comunicação enunciativa para alerta de perigos eminentes, afastar outros

membros do grupo, dizer que está com fome ou excitado, etc.

Essa comunicação imediata é o que é chamado de enunciado. Sem dúvida essa forma de comunicar é muito importante e é utilizada até hoje inclusive para comunicação empresarial e publicitária. Até pouco tempo atrás a publicidade televisiva era conhecida como reclame, que tem na sua origem latina na junção de re (outra vez) + clāmō (clamar, gritar). Isso pelo fato da propaganda ser uma comunicação que interrompia o conteúdo, literalmente clamando pela atenção da audiência ao enunciar esse ou aqueles benefícios e características de um produto. Com o passar do tempo a publicidade passou a utilizar da estrutura narrativa pra fortalecer um conceito e uma cultura de marca ou produto.

A internet, principalmente em se tratando das redes sociais, é por natureza um meio de propagação da comunicação enunciativa. O timeline do Facebook, os 140 caracteres do Twitter, ou até mesmos as fotos do Instagram, funcionam muito mais como uma sentença curta, imediatista, que enuncia e anuncia um acontecimento ou um momento, características e benefícios, do que uma elaboração narrativa complexa que ativa a empatia da audiência.

“O MENINO E O LEÃO”



Para exemplificar melhor a diferença da comunicação narrativa e a comunicação enunciativa nada melhor do que contar uma história:

"Essa história aconteceu há muito e muitos anos nas savanas Africanas.

Em um belo dia ensolarado alguns jovens da tribo resolveram se refrescar nas águas cristalinas do Lago Proibido à sombra de um enorme baobá. De repente, de forma furtiva, saem das moitas por trás do grupo três grandes leões. Um jovem da tribo que se banhava dentro do lago foi o único a perceber a aproximação das feras. Imediatamente ele gritou: "Perigo!!! Fugam!!!! Pra água!!!". A maioria dos jovens nunca havia visto um leão antes, mas o tamanho das presas e das garras os amedrontaram. O grupo pulou na água e fugiu para margem oposta, enquanto os leões rugiam e golpeavam o ar com suas terríveis patas.

À noite na aldeia, o ancião, que ficou sabendo do ocorrido, reuniu os jovens ao redor da fogueira e contou história do menino e do Leão Taú.

Taú era forte e malvado. Matava todos que cruzavam seu caminho, bicho

ou seres humanos. Um dia, um menino que andava sozinho pela mata, escutou um grito terrível de dor. Assustado, mas curioso, o menino seguiu o som do lamento. Aprisionado, em uma armadilha pela pata dianteira, Taú gritava de dor. Ao ver que o menino o observava, o leão, com um voz doce, disse:

– Menino, venha até aqui e me tire dessa terrível armadilha, minha perna dói e eu não consigo me soltar.

O menino que reconhecera Taú, se aproximou do enorme leão, mas parou a alguns passos de distância:

– Se eu te soltar, você vai me devorar.

O leão prometeu ao menino que nada lhe faria se ele o soltasse. Acreditando no leão, ele desarmou a armadilha e o libertou. Taú se espreguiçou e deu um altíssimo rugido que fez com que o menino estremecesse de medo.

– Venha menino, tenho sede e fome, vamos até o lago, preciso beber água antes de devora-lo.

– Você prometeu que não me devoraria. – Respondeu o menino amedrontado

Taú abriu um grande sorriso:

– Eu disse que não te devoraria, mas essa é a minha natureza e não posso nega-la.

Sem ter como escapar o menino seguiu o leão em direção ao lago.

– Não é justo que você me devore. Se não fosse por mim você estaria preso e acabaria morrendo de fome ou pelos caçadores. E continuou tendo uma idéia – No caminho até o lago perguntaremos a quem encontrarmos o que acham. Se a maioria achar que você deve me devorar, você me devora, se não, eu estou livre.

Taú aceitou a proposta do menino. No caminho encontraram primeiro um javali, depois uma zebra, em seguida um antílope, ainda uma lebre e um macaco. Todos os bichos, com medo do terrível Taú, concordaram que o leão devorasse o menino. Afinal, antes o menino do que eles. Sem hesitar, Tuá devorou cada um dos animais, e ao final sempre dizia: "Essa é minha natureza."

Ao chegarem à beira do lago se depararam com o velho Zaci. O homem era pequeno e encurvado. Se apoiava em um longo cajado três vezes maior que seu tamanho. Mesmo sem esperança o menino perguntou ao velho se era justo que Taú o devorasse. O velho Zaci coçou a cabeça dizendo:

– Não sei se entendi direito o que aconteceu, seria melhor se eu visse a tal armadilha. Você podem me levar até lá?

Taú deu um grande rugido e disse:

– Vamos até lá e adem de pressa, pra que eu acabe logo com isso. Ainda tenho fome e sede.

Quando chegaram no local da armadilha o velho Zaci disse:

– Não entendo senhor Taú, como você, o rei da savana, grande e forte como é, ficou preso nessa armadilha tão pequena.

Táu enfurecido disse:

– Velho tolo, eu te mostrarei.

Taú entrou na armadilha e antes que pudesse se dar conta o velho Zaci com seu longo cajado destravou a armadilha, prendendo outra vez a perna do leão.

E assim o velho Zaci salvou o menino da insaciável fome do leão.

Dessa maneira o ancião conclui a história para os jovens da tribo.

Desse dia em diante sempre que o grupo ia se banhar ou buscar água no lago, pelo menos três deles ficavam de guarda com longas lanças com pontas de pedras afiadas. Quando era sabido que alguma fera estava por perto uma pequena caça ensanguentada era deixada na margem oposta do rio, a fim de atrair os leões e leopardos para longe de onde o grupo estivesse.

Geração pós geração essa história foi contada. E a simples menção da palavra leão era suficiente para que os jovens se lembrassem do conto do ancião e da natureza feroz e dos perigos que aquele animal representava."

PROFESSOR - TIAGO ALVES

Tiago Alves é diretor de cena e roteirista (ABRA) e há mais de 20 anos trabalha com narrativas visuais e storytelling.

Estudou Comunicação Social na PUC Minas, Design Gráfico na UEMG e ARTES VISUAIS, tem também formação em Directing & Script pela FXPHD; formação em criação de series de ficção pelo Núcleo de Roteiro do B_arco; e formação na Jornada do Herói pela Monomito.

É líder Joseph Campbell Foundation Mythological RoundTable® Grupo de Belo Horizonte e fundador da Creatice Storytelling.

Na faculdade foi um dos fundadores da PUC TV. Depois de um ano em Barcelona, se volta ao Brasil, funda o Coletivo Mono, juntamente o diretor e roteirista Hudson Vianna e outros sócios. Desenvolveu projetos de visual storytelling como o curta de animação "A História do Café" exibido no Anima Mundi, o documentário "Pick-up Pandeiro e Reco-reco" e a exposição "Estética da Revolução – A Revolução Vermelha".

Em 2007, mais uma vez em parceria com Hudson Viana, dirigiu a serie infantil Dango Balango, exibida nacionalmente pela TV Brasil e Tv Ra-Tim-Bum, em um total de 3 temporadas e 61 episódios.

Dirigiu dois curtas de ficção: "Dona Clotilde", ganhador da Sessão Buzina" do 4º Cinefantasy; e "El Matador", lançado online pelos principais portais de humor, como o Jacaré Banguela.

Na direção de filmes publicitário já foi vencedor de prêmios importantes com o Profissionais do Ano. Veio para São Paulo para integrar o elenco da Lux Filmes em 2011, passando por outras produtoras onde dirigiu filmes para UBER, Governo Federal, Chocolates Garoto, Unimed, Mitsubishi, Make A Wish, SESC entre outros.



OS CONCEITOS APRESENTADOS NESSE EBOOK SÃO UMA INTRODUÇÃO A JORNADA DO STORYTELLING.

O **CURSO ELEMENTOS DO STORYTELLING** CRIADO PELA CREATIVE STORYTELLING EXPLORA DE FORMA APROFUNDA ESSES PRINCÍPIOS E APRESENTA OS 05 ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA CRIAR UM STORYTELLING CRIATIVO, ENGAJADOR E RELEVANTE, PARA PRODUTOS, MARCAS E PESSOAS.

NO CURSO TAMBÉM SERÃO APRESENTADOS VARIADAS FORMAS DE APLICAÇÃO DE STORYTELLING ALÉM DE ESTUDOS DE CASOS E APRESENTAÇÃO DE MODELOS COMO A JORNADA DO HERÓI, STORY SPINE, A JORNADA DA HEROÍNA E A JORNADA DO MENTOR (UMA VISÃO EXCLUSIVA DA JORNADA DO HERÓI PARA PRODUTOS E EMPRESAS).

OBIGADO!

ESSE EBOOK FOI CRIADO E DESENVOLVIDO PELA CREATIVE STORYTELLING - JORNADAS NARRATIVAS.

ACESSE NOSSO SITE E ASSINE NOSSA LISTA DE E-MAIL PARA RECEBER INFORMAÇÕES SOBRE CURSOS E PALESTRAS.

www.creativestorytelling.com.br

CURTA NOSSA PÁGINA NO FACEBOOK

www.facebook.com/creativestorytellingbr

